

Cada negociador, um estilo

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O Brasil já havia declarado a moratória e Dilson Funaro, então Ministro da Fazenda, veio à capital americana para um primeiro encontro com Diretores do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (Bird) e com o Secretário do Tesouro dos EUA na época, James Baker III.

Baker estava contrarriadíssimo. Afinal, pouco tempo antes, tinha dito ao Clube de Paris que o Brasil merecia um tratamento especial na renegociação de sua dívida. E, graças a ele, o País fez um bom acordo. Só que, logo depois, declararia a moratória, que Baker considerou quase como uma traição.

O clima, portanto, era tenso. E Baker, segundo uma das pessoas que participou do encontro, irritou-se logo de saída, quando Funaro — de maneira segura e tranqüila — lhe ex-

plicava os motivos da moratória de fevereiro de 1987. Numa reação emocional, Baker — que, segundo dizem seus amigos, “tem pavio curto” — deu um soco na mesa ao ouvir um dos argumentos de Funaro. Este interrompeu seu relato por um instante e, depois, foi em frente, mas já demonstrando estar igualmente irritado. E deu seu recado por inteiro. Depois explicou:

— Se esse cara pode engrossar só porque é do Texas, ficou sabendo que eu posso dar um troco à altura porque sou da Moóca — disse Funaro, referindo-se ao bairro paulistano.

Os estilos, de fato, eram diferentes. Enquanto Funaro procurava ser mais austero, evitando atividades pessoais no exterior, Bresser, um cinéfilo inveterado, sempre que tinha uma folga ia ao cinema em Nova York. Fernão Bracher, que trabalhou com os dois, tinha outro **hobby**: comer nos melhores restaurantes.